

Autoconstrução

Era bom que houvesse uma linha de orientação

SEM paternalismos, mas com uma intervenção procurada — e me parece que praticável em paróquias rurais — era bom que na Autoconstrução, mesmo de iniciativa familiar, houvesse uma linha de orientação visando o equilíbrio e a eficácia dos esforços desenvolvidos pelos Autoconstrutores.

Dois casos limites com que, várias vezes, nos encontramos:

o barraco melhorado, ou alargado, onde acaba por se gastar quase tanto como numa casa a sério — e que permanece, ao fim e ao cabo, uma construção nada funcional e sem dignidade;

o projecto desproporcionado à necessidade e capacidade financeira de quem o promove — que resulta, quase sempre, numa construção inacabada e em endividamento asfixiante para quase toda a vida.

Experimentei há dias mais uma destas situações; e do choque nasce esta reflexão.

A casa fica numa encosta soalheira, com horizonte — um lugar muito airoso. Aproveitando o desnível, uma meia-cave ampla e iluminada que pode, futuramente, dar uma razoável habitação. Sobre ela um andar T3. Tudo estaria bem, se não fora o esbanjamento do espaço, causado, sobretudo, por um 2.º andar, tipo «duplex», que deu origem a um telhado vistoso mas complicado e caro, a cobrir cerca de 150m².

A família é jovem, mas só o pai ganha em modesto emprego na Câmara do Porto e mediante biscatos em que ocupa tempos livres devidos ao des-canso. Vivem com dois filhinhos, apertados e por favor, em casa dos pais dela, ansiosos por mudar para a sua casa.

E só agora percebem a ilusão em que cairam no aceitar daquele projecto que não condiz com a modéstia deles e vai adiar, certamente por muito tempo, o uso da habitação onde empenharam já tanto trabalho e todas as economias.

Continua na página 3

ENCONTROS em Lisboa

Dois acontecimentos

HOJE, dia em que escrevo, na Palavra de Deus, proclamada na Celebração, Jesus desafiava os seus discípulos a serem luz do mundo e sal da terra. Muitas vezes ficamos com estas bonitas frases sem lhe encontrar um sentido concreto. Depois esquecem e ficam vazias de empenhamento.

Há tempos, um catequista desabafava comigo dizendo que um dos maiores problemas que sentia na Catequese era a concretização da mensagem. Tudo se resumia a ser menino estudioso, obediente, não fazer brigas com os irmãos e companheiros. Tudo isto estava certo, mas faltavam exemplos capazes de entusiasmar e criar alguma ruptura com o monótono dia-a-dia. Sentia a necessi-

dade de transmitir atitudes proféticas realizadas por cristãos.

Precisamente nestes dias, vieram ao meu encontro dois acontecimentos que me fizeram pensar no sal e na luz.

O primeiro foi uma carta, vinda de longe, muito longe, que reza assim:

«...Nós por cá tudo bem. Gostei e gosto deste pequeno paraíso assim como de tudo o que estou a fazer, mas não é fácil ser mãe de 142 rapazes nascidos de uma guerra. Todos me chamam mãe, o que, para mim, é uma grande alegria: nunca ter sido mãe e, de um momento para o outro, o Senhor dar-me 142 filhos! Está a ser a experiência mais rica que já tive na minha vida. Graças a Deus já vejo o fruto do meu trabalho. Mas tudo isto não é só meu porque eu não fazia de

tudo um pouco e tudo sai perfeito, tudo isto é fruto do Espírito Santo. Trabalho aqui não falta, só é pena eu não ter tempo para estar mais de perto com todos estes meus filhos. E estar sozinha neste lugar não será para qualquer mulher; só quem é chamado pelo Senhor é capaz de se sentir bem neste lugar. E eu sou uma mulher feliz e realizada porque sei que estou fazendo a vontade do Senhor Jesus. Aqui faço de tudo um pouco, ainda não senti, nem por um pequeno momento, arrependimento em ter vindo para cá. Muitas coisas tinha para lhe contar, mas o tempo é muito pouco, estes filhos tiram-me todo o tempo que tenho. Só à noite consigo escrever ou ler alguma coisa.»

Continua na página 4



Nestes restos de barraco vive gente

CIDADE no cimo do monte dominada por castelo. Há muitos anos que por ali não passamos. No centro da localidade entrámos numa Igreja onde a senhora da limpeza nos atendeu. Informou que os párocos tinham mudado de residência e não conhecia o bairro do Património dos Pobres, mas, «junto ao castelo, há os 'quartéis' onde moram muitos pobrezinhos».

Seguimos a indicação. Ruas estreitas e empedradas. Quase ao cimo, uma fila com dezenas de casernas, todas numeradas. Uma escada de pedra desceu-nos ao terreiro. Todas as casernas só com uma divisão, com porta e vidro ao meio e chaminé regional a encimar lareira-borrallheira. O chão em laje de pedra fria. Não há água, nem luz nem esgotos. O tecto em abóbada com paredes mal caiadas. Ao cimo, na rua, há edifício para fonte, mas a água nunca ali chegou.

Na primeira caserna vivem seis pessoas. Ficámos sem saber como. Entrámos noutra e

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Antigos «quartéis» abandonados servem de habitação

dialogámos com o habitante. Vive ali há muitos anos. As casernas são do Estado. Outrora serviam de dormitório dos militares. Não pagam nada de ali viver. Ele governa-se com a pequena reforma. É casado, mas separou-se da mulher já há dez anos. — *Agora usa-se, exclamou sorridente. — Nunca mais soube do paradeiro dela.* Estava a descascar e a comer uma maçã e, porque já eram horas do almoço, safu com uma saca a buscá-lo à casa onde lho oferecem.

Saímos dali e tomámos outra rua que nos levou mais ao cimo. Rua estreita e sombria.

Chegámos junto doutro «quartel». Muitas dezenas de casernas sobrepostas. Ainda mais pobres e frias que as primeiras. Não têm lareira nem vidro na porta ou noutra lugar. A luz e o ar só podem entrar pela porta aberta. O chão, muito húmido, de cimento ou tijoleira antiga. Aspecto desolador.

Entrámos numa delas. Uma cortina de pano resguardava. Veio à porta o inquilino. Já ali está há sessenta e três anos. Vivia com a mãe que faleceu. Muito humilde e delicado. Aspecto de doente. Tem de usar

sonda urinária, que trazia caída ao longo da perna.

Entrámos noutra. Uma senhora velhinha sentada, à porta, em pobre cadeira. O vento frio que entrava, gelava-nos o corpo, pois o espírito já estava gelado. Lastimou-se: — *Só tenho a noite e o dia. Ninguém trata de mim.*

Nunca tínhamos sentido tão grande desolação. Ficámos sem saber onde os pobrezinhos vão fazer a sua limpeza diária. Pareceu-nos que não são considerados seres humanos.

No centro da cidade havia largos jardins, bem cuidados. Muitos prédios de habitação luxuosa, parte deles vazios. Vimos campanários de várias igrejas a dominar a nossa vista. Acreditamos que também por ali haja lares ou acolhimentos para idosos. Saímos com o coração esmagado pelo desleixo ou descuido na vivência do nosso amor fraterno. Sentimos ali o abandono humano.

Padre Horácio

Conferência de Paço de Sousa

VIUVEZ — É viúva. Doente. Tanto, que agora foi forçada a diminuir as horas de trabalho por causa dos seus males.

Tem filhos e as carências são maiores. De coração apertado, com lágrimas de sangue, a quem se poderia dirigir? À Conferência Vicentina, que está perto. Já lhe tem dado a mão tantas vezes!, em vida do seu homem que Deus haja.

Entretanto que viemos descobrir neste caso, idêntico a outros pelo País fora!? Não recebe pensão de sobrevivência, nem os filhos, porque o pai não *descontava* para a taxa social única... Obviamente, o problema mexe com o ser e estar das famílias mais humildes — com a Justiça Social. Agora, talvez mais por via da crescente taxa de desemprego que ronda os 10% no mercado de trabalho! «Uma desgraça nunca vem só» — diz o Povo.

A viúva só precisava de alimentação. Lá foi — discretamente, sem odores de bode — buscar à mercearia mais próxima o que por justiça é devido para dar de comer aos seus.

PARTILHA — A maioria das presenças é duma impressionante regularidade!

Vinte dólares canadianos, da assinante 32217: «Não sei por onde começar para enviar esta simples importância...! Aí vai. Entreguem a quem precisa». Almas que *fervem!* Noutro local d'O GAIATO, Pai Américo afirma: «Acima de todos os valores, está o valor de uma alma».

Setúbal: «Pequenina contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, com muito amor e carinho». A ternura desta Avó é doçura para os Pobres. Cinco mil, «da velha Amiga da Figueira, para os idosos». Seis, do assinante 9790, de Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), perorando «uma oração ao Senhor por todos os que passam necessidade. Unamo-nos em Jesus para que sejam socorridos e abundem as atitudes de fraternidade».

Óbolo da esposa do assinante 32571, de Lisboa: «Tive direito a uma pequena pensão de reforma (de que graças a Deus agora não necessito) e, para Pobres, envio metade dos retroactivos de dez meses. Ajudai-os. Muito inerte, não tenho conseguido activamente ajudar ninguém, o que me aflige». Deus bate em nossos corações!

O habitual cheque do casal-assinante 11902, de Fundão, pedindo «a distribuição habitual». Outra vez da Capital, quanto pôde enviar, neste momento, a assinante 31104, «para bem dos necessitados». E não é pouco...! Como sofre, acrescenta: «grata ficaria por uma palavra de conforto» que, à luz da fé, a Palavra de Deus proporciona sempre!

Já no fim da procissão, vinte mil, do assinante 29864 de Cunha Baixa (Mangualde) e um remanescente de contas da assinante 136 — das primeiras!? — sublinhando que a oferta seja para os nossos Pobres. Em nome deles, muito obrigado a todos.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

ANTIGAS OFICINAS — Metade do edifício das velhas oficinas passou a ser armazém de material escolar, mas um pouco desarrumado. A outra parte guarda produtos para despacharmos para África.

OBRAS — Os trolhas repararam o salão de ginástica, o que servia de armazém, e agora é salão de recreio.

Será assim para se evitar que os rapazes, durante o dia, desarrumem as casas onde dormem.

CARNAVAL — Estamos perto do Carnaval. Os nossos miúdos desejosos de que chegue esse dia para se mascararem. Já não falta muito... Atenção às bombas de camaval!

VACARIA — Agora é que está bem, porque o encarregado já chegou. Recuperou da queda que sofreu. E Deus permita que não lhe aconteça mais nenhum azar.

VESTUÁRIO — Os rapazes desejam que a sua roupa pessoal seja marcada para não haver confusões. Uma sugestão que se compreende.

INVERNO — O Rio Sousa já transbordou duas ou três vezes!

Os rapazes nem conseguem jogar futebol porque a chuva molha o campo, ficando enlameado.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

DESEMPREGO — Nos últimos anos o desemprego tem sido constante, por isso muitas



Grupo Desportivo da Casa do Gaiato de Benguela

famílias são vítimas de separações, fome, etc.

Em nossa Casa alguns rapazes estão a sofrer por essa grande praga. Pensam organizar as suas vidas e não conseguem arranjar um emprego digno...!

De quem será a culpa de tanto desemprego?!

DESPORTO — Parece que voltou a alegria ao nosso grupo futebolístico com o regresso do Lupricínio.

Os treinos têm corrido com grande entusiasmo e muita alegria.

Como prova disso, no domingo, 4 de Fevereiro, defrontámos duas formações, com uma só equipa da nossa parte. De manhã, a equipa de Perafita (Penafiel). Ganhámos por 8-3. À tarde bisámos a vitória, mas desta vez contra uma formação de Paços de Ferreira. Resultado final 12-1.

Marco Paulo

BENGUELA

CHEFE-MAIORAL — Ano de mundaças... O chefe cessante tinha sido indicado oportunamente, pois a comunidade não estava preparada para uma eleição, acto importante em nossas Casas.

Nas reuniões de chefes dialogámos para definir os candidatos. Nesta lista, os primeiros chefes das casas: Americano, António, Góia, Domingos, Amândio e Agostinho. Na dos votantes, 86 nomes maiores de catorze anos, com a quarta classe feita e todos os que, com doze anos, têm a terceira classe completa.

Contudo, sendo um acto desconhecido da comunidade, tornou-se necessário fazer uma preparação. Assim, todos ficaram com o mínimo de consciência e responsabilidade para o acto. Fomos aproveitando a hora do Terço para esclarecer. Informámos o significado da acção dum chefe-maioral e dos sub-chefes na vida comunitária e na de cada um. Explicámos um pouco a importância de serem eles próprios a escolher um chefe.

Chegou o dia. Um sábado à tarde. Reunimo-nos no salão e votaram por grupos. Tudo correu com tranquilidade, alegria e até surpresa.

Depois, procedemos à contagem dos votos. De vez em quando já cantavam aleluias, pois verificou-se uma distância muito grande de um deles: maioria absoluta para o Americano com 61 votos.

Ficou de parabéns. Mas, havendo uma diferença muito pequena, não conseguimos definir e afirmar os respectivos sub-chefes. O papel do primeiro destes é também duma certa importância. Substitui o chefe-maioral na sua ausência.

Houve uma nova votação para eleger sub-chefes.

Resultado: Amândio 32 votos e Agostinho 29 votos.

Por fim, agradecemos ao chefe cessante, o Domingos, pela sua dedicação responsável e carinhosa à comunidade. Claro, saudámos o chefe eleito com alegria e nele depositamos a nossa confiança, pedindo a Deus coragem e alegria.

Marcámos a festividade com uma festa de bolo, ao jantar, de que todos muito gostam...

Carlos Roda

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Temos tido muitas dificuldades em encontrar respostas capazes de ajudar a pobreza encoberta — sem a magoar. O problema não é o dar quando se tem, mas, sim, dar sem levar o rótulo de esmola ou de *coitadinho*. Eles precisam e as boas vontades, o entusiasmo emprega no ajudar. Se não for feito com inteligência e discernimento, pode provocar danos em quem recebe. Não esqueço as lágrimas derramadas por uma senhora quando falávamos de pobreza, que a certa altura disse:

«Olhe, senhor, eu vivo com a minha magra reforma, que não chega para nada. Tenho-me privado de quase tudo. Não gosto de ficar a dever nada a ninguém. Apareceu lá em casa uma senhora que pertence a uma Conferência. Vinha trazer uma esmola e ver se precisava de alguma coisa. Pôs-se a olhar para tudo e, no final, acrescenta: — Olhe, se precisar de alguma coisa telefone... Chorei tanto!»

Não foi capaz de continuar. O lenço e as lágrimas disseram o resto. Senti-me perturbado e despedimo-nos semi-mudos. Qual o nosso apostolado como vicentinos? Deixo-vos com parte dum recado de Pai Américo:

«(...) Se nós nos tivéssemos por irmãos, aquela mulher do Barredo, pela doença que tem, não devia estar à espera... Os irmãos é que deviam ir com ela, tirá-la do frio, dar-lhe cama e remédios e tudo quanto é dado ao irmão que tudo precisa...» (Barredo, pág. 19).

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Anónima, 5000\$00. Rua Nau S. Gabriel, Porto, 10.000\$00. Conferência de S. Cosme e S. Damião, 5000\$00 «para ajudarem no que for mais necessário». Ermesinde, 50.000\$00. Maria, do Porto, 14.000\$00 «para o que acharem mais urgente».

Muito obrigado pela ajuda que dais aos Pobres.

Adelaide e Zé Alves

MIRANDA DO CORVO

CARA NOVA — No dia 2 de Fevereiro recebemos mais um companheiro — o Rui, de 10 anos, que veio de Aguiar de Sousa. Nós já lhe demos uma alcunha: «Piriquito».

Desejamos que se habitue rapidamente à nossa Casa.

OFERTA — Ofereceram uma cadela (pastora alemã). Gostámos da sua vinda. E, também, pelos mais pequenos que costumam brincar com ela. É a «Simba».

ANIMAIS — As galinhas dão sempre, mais ou menos, a mesma quantidade de ovos: 9/10 por dia.

O cão pastor «Boby» pôs um senhor no hospital por não conhecer o visitante.

LAR DE COIMBRA — Cada vez tem mais rapazes. Começaram os testes e alguns já os entregaram ao nosso Padre João. Uns, bons; outros, maus. Mas o resto está para vir. Nós não podemos parar ou desistir porque poderemos futuramente não arranjar emprego...

O pão que comemos vem do Continente. Obrigado.

João «Pequeno»

Sinal divino

Quando eu estou só e triste Canto como um pássaro livre. Olho o misterioso infinito E... encontro o sinal divino!

Não tenho medo à miséria Nem à exclusão. Adquiro coragem Para lutar Da aragem Que vem do mar!

Quando anseio a emancipação Conquisto a grandeza Da pura entrega Do teu coração!

Só quero da vida Caneta, papel e inspiração Para escrever a minha poesia! Luxo, poder e sucesso São problemas complexos Que atrofiam a minha imaginação.

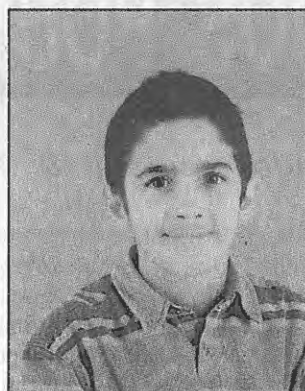
Manuel Amândio

RETALHOS DE VIDA

Norberto

Chamo-me Norberto Cardoso Pereira Lopes e sou conhecido por «Velhote» porque, ao chegar à Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, trataram-me logo por essa alcunha.

Vim para cá porque a minha mãe não tinha condições para nos criar. Era ainda pequenino, ela fugiu de mim e levou o meu irmão, ficando eu com o meu pai.



Nasci na freguesia de Miragaia. Ando no 4.º ano do ensino básico. E, quando for grande, vou tentar ser padeiro.

Norberto

Moçambique

Fim de ano

CERCA de trinta rapazes, os que têm alguma ligação à família, foram de visita, após o Natal. No dia seguinte, de manhã, três estavam de volta a pé, por falta de transporte. O Lázaro só encontrou uma tia que não o recebeu, o Fernandinho não encontrou os familiares e os vizinhos, todos bêbados, ainda lhe emprestaram uma esteira para dormir ao relento; o Celso soube que a mãe tinha ido para Gaza, à procura de remédio tradicional, e atribue ao filho a causa da sua doença. O Celso é um rapaz difícil e inconstante. Quando em tempos passados o visitou ela declarou: — *Eu não o quero, mate-o se ele se portar mal.* Não é o primeiro que ouve esta sentença. O pai do Vicente já aqui veio para o matar, e fazer um feitiço que lhe cure a tuberculose.

Um número razoável deles acharam o maior apoio uns nos outros, encontrando-se, todos os dias, os que estavam mais perto. Nenhum foi à baixa da cidade, onde viveram anos, à procura de antigos companheiros.

Olhando às diferentes situações e reacções de familiares, como não sentir o drama de cada um, resultante dos destroços humanos que de alguma forma constituíram o único apoio à vida quando chegaram a este mundo, até que lucidamente escolheram fazer da rua a sua casa. A que atribuir a cegueira de um pai, ou de uma mãe, que tragédia espiritual e humana estará no consciente de suas vidas e que fé no

feitiço, a ponto de querer sacrificar o próprio filho, como solução objectiva para o seu mal? É o mistério da dor humana que só no Calvário pode encontrar luz.

Opção de não regressar à rua

É consolador, porém, descobrir nos rapazes um pouco de amadurecimento, na opção de não regressar à rua onde encontraríamos no ambiente festivo do tempo do Natal a generosidade fácil e leviana das pessoas que não resistem à mão estendida de uma criança. Digo leviana, porque qualquer criança, na rua, hoje, arranja mais de trinta mil meticais por dia, um quarto do salário mínimo mensal que pouco ou nada beneficia a família e é mal gasto, quando não roubado pelos mais velhos, que hoje vivem em grupos organizados.

Muitos dos rapazes que foram a casa de algum familiar são os mais difíceis aqui. Haveria mais tranquilidade e harmonia se ficassem por lá. No regresso, alguns fizeram vir consigo um irmão mais velho, que já conhecíamos mas não sabíamos da afinidade; dois até arrastaram as mães para que as vissemos, com bebês ao colo em estado de triste miséria. Ficámos a amá-los mais, ou não os tivéssemos já como filhos. Cada um mostra que já descobriu aqui a sua casa, a sua capacidade interior de vencer a herança da rua e afirma, a seu modo, que «não há rapazes maus».

Barreira burocrática

Podéssemos vencer a barreira burocrática posta a outros trinta e tantos que ainda não têm registo, ou nem é possível descobrir qualquer pista para lhes dar a cidadania moçambicana.

Quando se procedeu a um registo provisório, calculámos a idade, e se na realidade somos os educadores e assumimos perante a sociedade todos os deveres paternos porque não dar-lhes o nosso nome? Ficou acordado que na eventualidade de encontrar referências familiares, se anularia e procederá a um registo efectivamente correcto. Passado um ano tudo foi anulado, à face da lei, por falsas declarações. Para remediar teríamos de dar-lhes nomes não portugueses. Como? Se o nome da família identifica já o indivíduo? E só inventando. Teríamos de dar como pais qualquer pessoa da Massaca. Ainda pior, porque nem os conhecem, e seria injúria atribuir filiação a quem nada tem a ver com as crianças. Um caso para dizer: «pior a emenda que o soneto».

Pois no dia de Ano Novo fomos visitados pelo Primeiro Ministro de Moçambique e como o assunto nos fere o coração, apresentámos-lhe o problema que prometeu, através do Ministério da Justiça, resolver.

Se não fossem os muitos ainda pequeninos, já os tinha deixado à porta da Repartição do Registo para que tomassem conta. Andamos, há três anos, com esta pendência, apresentada às estruturas Distritais e Provinciais e a deputados que nos visitaram, mas ninguém se dói. E certamente um problema menor, quando há outros gigantescos neste país, onde tanto há a fazer. O que não tem solução é a mudança de mentalidade e acomodação de quem está bem; mas se está ao alcance do nosso agir não vamos parar.

Padre José Maria

1/1/96

Dia-a-dia, em cada página, cada linha espera a hora de viver... Cada letra é semente que na leira vai nascer! Dia-a-dia... Mais um ano! Dura jornada, longa torna. O que importa, mais que tudo, é crescer.

3/1/96

É comum a todas as crianças — que nos pedem comida ou para ficarem connosco — o estribilho: «Não tenho pai nem mãe». Muitas vezes até têm: casos de fugas por terem roubado ou então porque na família se passa fome.

Costumamos ir ver. Há dias fomos com o Pedro. Os vizinhos informaram que a tia estava na lavra. Fomos lá pelos carreiros entre o milho. Safu certo. A tia estava colhendo umas espigas para o jantar dos filhos e sobrinhos, irmãos do Pedro. O jantar seria uma espiga cozida para cada um.

PENSAMENTO

Acima de todos os valores, está o valor de uma alma.

PAI AMÉRICO

Malanje dia-a-dia

Gostámos desta tia que se desunha para conseguir comida para todos. O seu marido foi para Luanda e não mais voltou. É vulgar terem logo outra mulher. Ninguém se importa nem chama à responsabilidade. O Pedro levava na sua pasta escolar um pouco de leite que despejou no pano da tia estendido num rego de milho. Cativante a sua expressão carinhosa ao envolver o Pedro num olhar de ternura.

7/1/96

HOJE foi a vez do «Fifi», muito fraquinho e doente dos olhos. Tudo diferente: Que vivia com um amigo. Este, que tinha avô. Aquele, que o avô não o queria e já tinha matado o irmão com feitiçaria. Fomos ao encontro do avô. É aqui... É ali... mas nada de casa nem de avô. Um espertalhão este «Fifi»!

No entanto a vista piorou e levámo-lo ao médico. Uma conjuntivite. Vamos

curá-lo e iremos, de novo, à procura desse misterioso avô.

10/1/96

COMEÇA a ser, novamente, desesperante a situação do Povo... O milho semeado na cercadura da cidade está no fim... Foi comido nas espigas, assadas ou cozidas. Nem semente ficou.

Outra vez a fome?! Se as organizações não ajudarem, será mesmo.

11/1/96

GERALMENTE o correio chega uma vez por semana. Hoje foram 10 cartas! Uma faturinha! Fio de água pura a cair no riacho sequioso.

Cá longe sentimos com mais vivacidade o sabor maravilhoso duma palavra amiga.

A todos um bem-haja do fundo do coração.

Uma das cartas era da minha neta Telma e fala assim:

«Querido avô! Escrevo-lhe pensando o quanto gostaria de o ter a passar o Natal comigo. Não lhe parece pouco só pensarmos na paz, no amor e na bondade apenas nesta altura do ano, quando deveria ser o lema de todos os dias?! Mas do mal o menos, pelo menos nesta altura as corações abrem-se um pouco.

Desejo-lhe um bom Natal no sentido verdadeiro da palavra Natal, pois, aqui, os brinquedos e as roupas novas é que geralmente interessam. Pensamos que com uma esmola maior, remediamos todos os males e ficamos em paz.

Estou procurando incutir nas crianças a quem dou Catequese a ideia do verdadeiro Natal.

Desejo que o 96 traga ventos de mudança...»

Com tal neta, um avô feliz!

Padre Telmo

Duma carta

Sofrimento dos Pobres

O. GAIATO «abana-me» intensamente e não é possível ficar insensível a sofrimentos de toda a ordem por que estão a passar muitos dos nossos irmãos. Esta pequena gota decidirão para onde a devem encaminhar. Os problemas são tantos!

M. S.

DOCTRINA



Onde estiver um homem de renúncia aí o conquistador

AINDA não saí daquela posição da semana que passou: de joelhos, humildemente, a receber das tuas mãos e dar nas dos Pobres as infinitas coisas do Natal. Não estranhes a posição, que não há outra na terra para bem servir os homens e conquistar corações.

FIEL ao teu mandado e ao meu propósito, deixei uma camisa de flanela nas mãos da Maria cancerosa e levei outra ao pátio onde habita o pequeno «lindo como o sol aceso», tendo-a deixado ficar à mãe dele: — *Ai meu senhor, que eu não posso pagar! Dá sempre assim, a quem não pode retribuir; e o nosso bom Deus será a tua recompensa — e que recompensa! «Lindo como o sol aceso», é hipérbole da mãe. Pois se ele nunca entrou na morada da família! A beleza do filho é feita da piedade da mãe.*

TENHO ainda em meu poder uma terceira camisa para entregar a certa pessoa que trago no meu pensamento. Eu pudera ter entregue as três à cancerosa, como manda a carta que as deu, cumprindo assim as tuas ordens, comodamente. Porém, as necessidades urgentes que a gente toca com as mãos levam-nos a ler de modo diferente a mensagem com que saídas o Pobre.

«PARA o moço reumático e para o berço do seu filho» chegou às minhas mãos um pacote de roupas adequadas, de Oliveira de Azeméis, as quais eu fui colocar sobre a cama do doente. «Também gostaria de mandar palhinhas para o berço...» Igualmente, para a cancerosa, também por encomenda postal, da Cortiça, um xaile de agasalho e uma placa de dez escudos, cosida numa das pontas. Que força estupenda não tem a Caridade que mete lanças no peito e fere corações, à distância — para salvar!

O. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

Autoconstrução

Continuação da página 1

Senti a frustração do chefe de família quando lhe expliquei a nossa dificuldade de o ajudar, apontando-lhe as casas vizinhas, tão prestáveis como a dele mas ciosas no aproveitamento do espaço e discretas na aparência.

Imagine a casa pronta — disse-lhe. Quem passar à beira dela, olhando-a, não vai pensar de quem lá mora: aqui é gente de *massas*?! Como posso eu ajudá-lo na medida do que seria preciso, se lhe faltam milhares para acabar a casa e nós temos tantos à espera de semelhante ajuda?

Ele percebeu e ficou triste; e eu também.

Ora se houvesse naquela terra, onde tantos têm recorrido aos «pequenos auxílios» aos Autoconstrutores, uma espécie de Conselho orientador dos candidatos à Autoconstrução, não seriam prováveis desilusões destas, sofridas por gente trabalhadora e sacrificada ao desejo desse bem-primeiro entre todos que é a habitação, mas inexperiente e presa fácil de quem gosta de desenhar casas bonitas sem atender às posses dos destinatários.

Se nas Autarquias, quase sempre com gabinetes de desenho, talvez nem sempre muito ocupados, se fizessem meia dúzia de projectos ao sabor da região e adequados a vários tipos de implantação; e juntassem a esta oferta a simplicidade burocrática e a parcimónia do fisco — decerto a Autoconstrução se multiplicaria e iria resolvendo por si muito do problema da habitação, sobre o qual são numerosos e vários os discursos sociais e insuficientíssima a obra feita.

Se o Estado se dignasse a olhar a Autoconstrução com a atenção que julgo deveria merecer-lhe, decerto ela não continuaria uma *realidade sem-lei* que tem sido — sem lei e sem comendas pelo muito bem que mesmo assim tem feito.

Padre Carlos

SETÚBAL

Pobres

DE passagem por Ponta Delgada, nessa deslumbrante Ilha de S. Miguel onde temos casados e estabelecidos dois rapazes aqui criados, saboreei uma alegria cuja doçura perdurará por toda a minha vida e que não resisto a partilhar com o Leitor.

Nenhuma razão familiar daqueles dois homens aqui feitos me levou aos Açores, nem sequer um motivo pessoal. Um jovem ali detido precisava da minha abonação no tribunal judicial daquela cidade.

Os rapazes, homens com mais de 40 anos, desfizeram-se em atenções e carinho. Eles e as suas famílias. Para passar uma tarde recolhido tive de pedir licença. Foi o que se costuma dizer: impedir que se ponha pé em ramo verde. Aqui seria evitar que eu andasse a pé. O tempo era chuvoso e a Ilha com paisagens alucinantes.

Participei em duas reuniões de cristãos comprometidos com os Pobres.

Primeiro, a reunião da Conferência Vicentina de que o Rogério faz parte. Participei. Gostei. Animei: — Os Pobres tornaram-se a minha paixão.

Noite seguinte, outro convite. Outra reunião de Vicentinos. Fui apanhado de surpresa.

O Rogério — lá é o Dr. Rogério — tomava posse de Presidente do Conselho Central das Conferências de S. Vicente de Paulo da Diocese Açoreana. Que luxo meu Deus! Que gozo! Que felicidade!... Um fruto maduro que o Espírito de Deus foi acaalentando e fortalecendo tem agora sobre os seus ombros a sacrificada e gloriosa tarefa de animar e dirigir, segundo a Regra, e a orientação do Bispo, quantos comungam com a dor e a penúria dos mais pobres!

Era investido na profética missão de desinstalar tantos cristãos adormecidos

numa religião sem cruz, num ritualismo sem vida e numa Fé sem obras.

Assumia o estuante desafio de convidar os jovens a seguir e amar o verdadeiro Cristo — o Cristo crucificado nos Pobres — para encaminhar a juventude num ideal fascinante e renovar os envelhecidos membros do movimento.

No Céu o Padre Américo se glorie com este filho e interceda junto de Deus para que ele consiga os seus objectivos, os quais se identificam com os do Senhor!

Meu rico Vitória

O Vitória de Setúbal — meu rico Vitória — tem atletas de futebol e dirigentes que não se distinguem só como grandes jogadores e técnicos, mas são sobretudo homens e jovens de bom coração.

Pelo aniversário do clube, num jantar de festa, participaram-nos que se haviam

cotizado todos e nos mandariam, até ao fim da época, 37.000\$00 cada mês. Logo, nessa noite, me fizeram a entrega.

Bonita e rara atitude em profissionais deste desporto.

O meu Vitória não tem muitos adeptos, apesar de ter sempre as portas abertas em todos os jogos para os rapazes, alegre e gratuitamente. O grosso das claques reparte-se pelos grandes do futebol português.

Alguns têm andado muito murchos. O despique saudável pelo seu clube e a guerra desportiva anima as tardes domingueiras com os respectivos relatos. São poucos os rapazes cativados pelo clube da sua terra. Também eu sofro por isso. Mas que hei-de fazer?

Meu rico Vitória sobe lá à Primeira Divisão, a ver se há mais gaiatos a comungarem dos teus triunfos e reveses!

Padre Acílio

BENGUELA

Não somos armazém de crianças

HOJE é domingo. Sentado à mesa de trabalho, que a Mensagem não tem feriados nem domingos, oiço o cantarolar dos gaiatos na arrumação da Casa, antes de partirem para a beira-mar. Os meus ouvidos e os olhos teimam, no entanto, em fugir para junto daquelas crianças que, tão pequeninas!, já perderam tudo na vida menos o direito de ser amadas e ter uma família. Tiveram que esperar, fora de portas, em morada provisória e acolhedora, a hora da entrada na Casa do Gaiato.

Eles são tantos! Mas não queremos ser um armazém de crianças. Quando nos dizem, no intuito de nos convencerem, para arrumarmos mais um garoto num cantinho da nossa Casa, fico triste. Arrumar...? Não se trata de coisas, objectos materiais, mas de pessoas. As pessoas não se arrumam, acolhem-se no coração. Ele há tantas arrumadas quando o lugar delas é no aconchego do lar!

Por isso, não pude ainda receber as duas crianças. Primeiro, o mínimo de condições para não ficarem amontoadas. Um outro lar, provisoriamente, acolheu-as com muito carinho. Mas o seu lugar é na Casa do Gaiato.

Festa da Família

Ontem, foi um dia muito feliz para todos nós. Mais de duas centenas de mães e pais de família, com lares cheios de filhos, que são a única riqueza desta gente, partiram de nossa Casa com os cestos cheios à cabeça e o coração contente.

São trabalhadores que receberam o necessário para

a grande festa da Família. Doutra modo ficariam sem nada, que não há dinheiro que chegue para o pão nosso de cada dia. Trata-se de ajudar quem trabalha.

Bem sabemos que há uma multidão, à nossa volta, para quem a vida não tem o sabor de Festa. Alegramo-nos, contudo, por darmos a mão aos que passam pelo nosso caminho da vida. O mundo não sabe a riqueza que perde quando fecha o coração no seu bem-estar. Não queremos para nós outro bem maior do que tornar possível a vida digna de pais e filhos que, doutro modo, acabariam no chão das suas cubatas.

Nesta hora, apetece-me cantar com as mãos bem agarradas àquela outra multidão de gente amiga que, de longe, mas bem perto do coração, torna possível e leve este serviço que prestamos. Estou a escrever, mesmo em cima do Natal, embora a notícia chegue às vossas mãos, quinze dias depois. Tudo o que é feito por amor não passa com o tempo. Fica.

Padre Manuel António

Mais um passo

Mais um passo está a ser preparado em nosso coração. Os filhos que agora temos, estão a crescer. Cerca de quatro dezenas deles já voam pelas escolas do Ciclo, do segundo e terceiro nível. Já estou a ver a porta da Universidade a abrir-se para um ou outro mais afoito. É o futuro que chega depressa e há que o preparar. Não me canso de lhes falar nesse futuro, para que agarrem o presente com unhas e dentes. A destruída Angola, de agora, está à sua espera. Que honra tão grande para uma Nação ter filhos destes na base da sua reconstrução! Outros, po-

rém, aguardam a sua vez de entrar. Por isso, logo que o edifício da escola termine, lançaremos mão ao levantamento de mais uma casa de habitação. Quem não sonha não vive. Queremos viver para que outros tenham vida. Contamos convosco.

Não fosse a certeza que nos vem da experiência, ao longo da existência da Obra da Rua, como nos atreveríamos a falar assim, no meio de ruínas! Como se esta preocupação não nos bastasse, outra se nos apresenta com carácter de urgência.

Eu conto: Quando a Casa do Gaiato foi confiscada pelo governo, deixámos a nossa cabina eléctrica apetrechada com um transformador que chegava e sobrava para o abastecimento de energia eléctrica à actividade toda da Casa, com os motores de rega e o funcionamento das oficinas. Não sei ainda como nem quem fez desaparecer o dito transformador, deixando, em seu lugar, um outro que não aguenta e corre o risco de rebentar. Resultado: quando vem a corrente geral, a ginástica que temos de fazer é tão violenta que levamos as mãos à cabeça e... partilho convosco mais esta aflição. Vou pôr-me a caminho.

Padre Manuel António

Tribuna de Coimbra

Construção do novo edifício escolar

A construção nova do nosso edifício escolar, corresponde a uma certa necessidade de renovação estrutural desta nossa Casa. Prossegue em bom ritmo e, não fosse o Inverno que se tem feito sentir um pouco por todo o País, o avanço das obras seria mais evidente.

Acompanha este investimento uma grande expectativa nossa de, tão somente, ver e apreciar um maior e melhor rendimento escolar dos nossos rapazes.

A escola, de facto, é a «menina dos olhos» da nossa dedicação aos rapazes. Investir nela, nas melhores condições materiais e humanas, é tarefa da máxima importância. Já sentimos mais apoio, mas é

ainda insuficiente face às necessidades dos rapazes. Tem sido grande o nosso esforço até pelo «rombo» que esta construção representa para a economia desta Casa que — como toda a gente sabe — vive de donativos saídos do coração de muitos dos nossos Amigos que regularmente se cotizam com suas ofertas.

Gesto que nos sensibilizou

Destacamos um gesto que, entre muitos, nos deixou sensibilizados, até porque vieram apreciar o sentido da ajuda oferecida. Trata-se dos Rotários do Centro que realizaram o seu 2.º Encontro, no Casino da Figueira da Foz, com os olhos e o coração postos nesta necessidade: a escola da Casa do Gaiato. Um grande encontro da Família Rotária com esta Família da Obra da Rua.

Pudemos apreciar de perto a sua amizade e alegria. Foram momentos de grande confraternização e amizade onde o Padre Américo esteve no centro. Momento inolvidável, aquele em que um grupo de rapazes nossos exibiram o seu talento artístico que a todos encheu de encanto e emoção.

Encontros destes, familiares, fazem falta à nossa sociedade, sobretudo a alguns sectores ditos distintos, mas cuja distinção é apenas emblemática e a tocar o vazio.

Que o timbre de ser *Joker* os aproxime do que nessa noite lhes foi recordado pela palavra autorizada do Padre Américo: — *A verdadeira renovação é levantar os prostrados e não deitar abaixo os que caminham... E ninguém se levanta sem levantar os prostrados...*

Parabéns!

Padre João

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

Aqui estão os sinais dos discípulos: conduzidos pelo Espírito, em Nome do Senhor Jesus, aceitar e realizar a vocação, deixar tudo porque uma alegria maior espera. É com este sal e esta luz que o nosso mundo não cai na morte e na escuridão. Exemplo proposto, não imposto... Esta mulher da carta tinha tudo para se sentir bem: boa casa, carro, segurança económica, saúde, amigos. Nunca tinha sido mãe. Deus deu-lhe em abundância. O seu coração sentiu a alegria do dar-se.

O outro acontecimento realizou-se em plena cidade de Lisboa, no interior de uma família não muito abastada, mas com um coração de ouro, no silêncio próprio dos acontecimentos que marcam a vida humana. Podem imaginar a minha surpresa: Domingo à tarde, um razoável grupo de pessoas procura-me. Avançam um casal, na casa dos cin-

quenta, seguido por todo o rancho. Vim a saber que se tratava dos filhos, filhas, noras, genros, netos e namorada do filho mais novo. Começaram a falar: — *Trazemos aqui este saco azul. Este ano, decidimos todos que não haveria um Natal de prendas. O Natal seria diferente. Pusemos dentro do saco aquilo que cada um pensava gastar em prendas para oferecermos uns aos outros.* Eu olhava e acolhia no meu coração o que me estavam a dizer. Fixei os olhos no neto mais pequeno, talvez com seis anos, e perguntei: — *Então tu estiveste de acordo?* Resposta rápida: — *Estive e até gostei.* Um seu primo completou: — *Ficámos todos contentes por o dinheiro das nossas prendas ser para os meninos daqui.* Um acontecimento que vem ao contrário dos hábitos criados e que é sinal da solidariedade e de esperança no futuro. A mãe de um dos pequenos confidenciou: — *Fez-nos bem a todos e nós precisamos que eles (os filhos) comecem a aprender este caminho.*

Às vezes e quase sempre, é nos acontecimentos muito próximos de todos nós que o discípulo é chamado a ser sal e luz. Que todos aprendamos.

Padre Manuel Cristóvão